# A flexibilidade da planta livre moderna para novos usos: transformando o Grande Hotel de São Carlos em Paço Municipal.

**Renato Luiz Sobral Anelli**
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Escola de Engenharia de São Carlos/Universidade de São Paulo
e-mail: reanelli@sc.usp.br

**Aline Coelho Sanches**
Centro Universitário de Rio Preto – UNIRP- Professora
Email: alinecsanches@gmail.com

Em 2004, a Prefeitura de São Carlos adquiriu o antigo Grande Hotel, para transformá-lo em Paço Municipal. Encerrava-se ali o uso original do edifício projetado pelo arquiteto Lucjan Korngold em 1953. Situado no centro da cidade o Hotel Azouri não conseguia mais concorrer com os novos hotéis econômicos. Por outro lado, a Prefeitura vinha, há alguns anos, procurando equacionar a dispersão de suas atividades em vários imóveis inadequados e espalhados pelo centro. A coincidência dos dois momentos permitiu que o hotel não se tornasse o primeiro edifício vertical de porte a se degradar na cidade de São Carlos. Vencido o desafio da aquisição, a conversão do edifício para um novo uso apresentava novas dificuldades.

Antes do desenvolvimento do projeto a Prefeitura decidiu realizar uma pesquisa histórica para levantar a trajetória do hotel e fornecer à equipe técnica do novo projeto fotos da construção e desenhos técnicos dos projetos de arquitetura, estruturas e complementares.

O principal objetivo do projeto desenvolvido pelo escritório Piratininga Arquitetos Associados foi transformar o hotel em edifício público, o que se expressa pela alteração nas condições da sua relação com a rua. O andar tipo teve de sofrer as alterações mais incisivas, uma vez que a compartimentação dos apartamentos é incompatível com o uso de escritórios contemporâneos. Também a infra-estrutura técnica passou por transformações para o novo uso, em especial na circulação vertical.

Ainda que as alterações concebidas para a adaptação ao novo uso tenham resultado em uma nova configuração do edifício, os autores aproveitaram a oportunidade para resgatar algumas situações do projeto original perdidas nas sucessivas reformas realizadas nesses 43 anos.

O conjunto de pesquisa e projeto apresentado a seguir constitui oportunidade de reflexão sobre a pertinência de conceitos de preservação de patrimônio histórico para exemplares da Arquitetura Moderna.

## Abstract

In the year of 2004, São Carlos City Hall acquired the old Grand Hotel, to transform it into the seat of its government. At that year, an end was put to the original use of the building, designed by architect Lucjan Korngold in 1953. Situated in the center of the city, Azouri Hotel could not compete with new economic hotels anymore. On the other hand, for several years up to now, the City Hall was trying to balance the dispersion of its activities within unfit buildings spread by the center of the town. The coincidence of these two moments allowed that the hotel did not turn out to be the first important vertical building to degrade in the city of São Carlos. Being its acquisition succeeded, the building's reformulation to a new use introduced new difficulties.

Before the reformulation design development, the City Hall decided to carry on a historical research, which would raise the hotel's trajectory and would also supply the new design's expert team with photos of the construction and with architectural, structural and complementary technical drawings. The main objective of the design, developed by Piratininga Associated Architects Office, was to transform the hotel into a public building, which is expressed through the alteration of its street relation. The typical floor had to suffer the most significant modifications, once the subdivisions of the hotel apartments are incompatible with the use of contemporary offices. Technical infrastructure, especially vertical circulation, also passed through modifications for the new use.

Although alterations conceived for the adaptation to a new use have resulted in a new configuration of the building, the authors used the opportunity to rescue some situations of the original project that were lost in successive modifications carried through these 43 years.

The following research and technical drawings set constitutes on an opportunity of reflection on the relevancy of historic patrimony preservation concepts for Modern Architecture buildings.

Palavras-chave: Lucjan Korngold, arquitetura moderna, preservação

## Apresentação

Em dezembro de 2004 a Prefeitura Municipal de São Carlos anunciou a aquisição do edifício do Hotel Azouri, antigo Grande Hotel de São Carlos, para transformá-lo em Paço Municipal. Encerrava-se ali o uso original do edifício projetado pelo arquiteto Lucjan Korngold em 1953. Situado no centro da cidade e equipado com os confortos típicos da época da sua construção, o Hotel Azouri não conseguia mais concorrer com os novos hotéis econômicos que hoje atendem ao público de turismo de negócios, congressos e eventos acadêmicos que circula por São Carlos. Por outro lado, a Prefeitura Municipal vinha, há alguns anos, procurando equacionar a dispersão de suas atividades em vários imóveis inadequados e espalhados pelo centro. A coincidência dos dois momentos permitiu que o hotel não se tornasse o primeiro edifício vertical de porte a se degradar na cidade de São Carlos. Vencido o desafio da aquisição, a conversão do edifício para um novo uso apresentava novas dificuldades.

Antes do desenvolvimento do projeto a Prefeitura decidiu realizar uma pesquisa histórica que além de levantar a trajetória do projeto e obra, forneceu à equipe técnica de projeto um rico material iconográfico, composto de fotos da construção e desenhos técnicos dos projetos de arquitetura, estruturas e complementares, que se revelou essencial para a concepção da nova proposta. Entre as várias informações disponibilizadas pela pesquisa, a estrutura do pavimento tipo foi a mais crítica, pois a aparente planta livre moderna era povoada por um grande número de pequenos pilares apoiados em enormes vigas de transição.

A pesquisa confirmou a autoria de Lucjan Korngold, sugerida inicialmente por Anat Falbel. Identificou ser esse hotel o primeiro edifício vertical na área urbana de São Carlos[1].

Para o desenvolvimento do projeto foi contratado escritório Piratininga Arquitetos Associados[2], que apresenta no seu currículo vários projetos de “retrofite”, termo contemporâneo que designa a conversão de edifícios para novos usos. Entre eles, o projeto do antigo Banco de Londres em São Paulo, de Henrique Mindlin e Giancarlo Palanti.

O principal objetivo do projeto foi transformar o antigo hotel em um edifício público, o que se expressa pela alteração nas condições da sua relação com a rua. O andar tipo teve de

---

[1] O primeiro edifício vertical foi o E-1, sede da Escola de Engenharia de São Carlos e construído no Campus da USP em 1954.

[2] Autores do projeto de arquitetura: arquitetos João Paulo Tavares Beugger, José Armênio de Brito Cruz, Marcos Aldrighi e Renata Semin. Colaboradores: arquitetos Fabiana Terenzi Stuchi, Paula Zemel Pompeu de Toledo, Julie Trickett, Joana Maia Rosa Rojo.

sofrer as alterações mais incisivas, uma vez que a compartimentação dos apartamentos é incompatível com o uso de escritórios contemporâneos. Também a infra-estrutura técnica passou por transformações para o novo uso, em especial na circulação vertical.

Ainda que as alterações concebidas para a adaptação ao novo uso tenham contemplado o edifício com uma nova configuração, os autores aproveitaram a oportunidade para resgatar algumas situações do projeto original que haviam sido perdidas nas sucessivas reformas pela qual o edifício passou nesses 43 anos.

O conjunto de pesquisa e projeto apresentado a seguir constitui oportunidade de reflexão sobre a pertinência de conceitos de preservação de patrimônio histórico para exemplares da Arquitetura Moderna. Reflexão que se encontra na própria origem do DoCoMoMo internacional.

## O Grande Hotel

O edifício do Grande Hotel Municipal e toda a trajetória de sua construção, entre a década de 50 e 60, representam um momento importante da história de São Carlos. Era um período de grande modernização, com a construção do Campus da USP - Escola de Engenharia de São Carlos, projetado por Hélio Duarte e Ernest Mange e de início da verticalização da cidade. A construção do hotel retrata a ação de industriais e investidores imobiliários, envolvidos com o poder público, capazes de mobilizar a população e a imprensa em debates e no total apoio aos seus investimentos. No ano da inauguração do hotel, em 1962, São Carlos ganhava, por exemplo, a primeira torre de transmissão de televisão, graças à mobilização das Indústrias Pereira Lopes, e podia então assistir aos jogos da Copa do Mundo.

Para a história da arquitetura brasileira, o prédio do hotel aparece como um excelente exemplar da arquitetura moderna, apresentando um desenho apurado de suas formas e uma relação gentil com a cidade em sua implantação. Envolve personagens importantes da arquitetura brasileira entre os quais representantes dos arquitetos imigrantes do pós-segunda-guerra mundial que se transferiam para o Brasil naqueles anos a procura de novos horizontes de vida e trabalho. Além disso, o edifício do Grande Hotel apresentava um certo pioneirismo desde a formulação de um concurso para um anteprojeto de um investimento privado de uma cidade interiorana até as mobilizações técnicas de sua estrutura, instalações, maquinário e o desenho inovador de seu mobiliário.

A idéia da construção de um hotel de alto nível para São Carlos, que pudesse abrigar os hóspedes ilustres que a cidade recebia, começou a ser gerada em fins de 1952. Já no início

do ano seguinte ela ganhou corpo com a sua divulgação nos jornais locais. Em 24 de janeiro de 1953 o diário CORREIO DE SÃO CARLOS noticiava estarem quase concluídos os entendimentos entre empresários da cidade e são-carlenses residentes fora dela na constituição de uma sociedade para construção e exploração de um grande hotel.

Para os industriais de São Carlos, especialmente para as Indústrias Pereira Lopes em franco desenvolvimento, era fundamental a construção de um hotel na cidade, com modernas e completas acomodações, que pudesse abrigar seus clientes, fornecedores e parceiros vindos de diversas partes do país e do exterior.

A partir disso começou uma mobilização entre os industriais da cidade para reunir fundos para a construção do edifício. Eram liderados pelos membros da Delegacia Regional do CIESP - Centro das Indústrias do Estado de São Paulo, sendo que em fevereiro de 1953 foi constituída uma comissão para coordenar a edificação do hotel composta por políticos e empresários da cidade. Esta comissão foi a grande responsável pela construção do empreendimento até a sua conclusão. No mês seguinte, a comissão do Grande Hotel pedia nos jornais que as pessoas que possuíssem terrenos no centro da cidade, entre as ruas José Bonifácio, Jesuíno de Arruda, D. Pedro II e Padre Teixeira, e estivessem dispostas a negociá-los que encaminhassem propostas a um dos membros da Comissão.

O jornal local “A Cidade” noticiava a empolgação da opinião pública com a possibilidade de edificação de um hotel dos mais confortáveis do interior paulista, resolvendo os problemas de acomodação da então chamada “Cidade Sorriso”, que alcançara naqueles anos também o título de “Cidade Universitária”. No entanto, a localização do empreendimento gerava polêmica, principalmente frente aos rumores que ele poderia vir a ser construído em uma das praças centrais da cidade.

Paralelamente a estudo de terrenos e do projeto, como noticia o jornal “A Cidade”, formara-se uma sociedade civil “Cine Hotel Consórcio” que vendia as ações de 1.000 cruzeiros para a construção do hotel, iniciando uma campanha, apoiada por este diário e pelo Correio de São Carlos, para a aquisição das mesmas. A Comissão oferecia as ações não só aos são-carlenses residentes na cidade como àqueles residentes em São Paulo. Em 1955, entre os mais de 400 acionistas, um dos maiores naquele momento era o “Consórcio Brasileiro de Investimentos S/A” – CBI, empresa responsável por vários edifícios altos em São Paulo.

Em meados de março de 1953, o arquiteto Lucjan Korngold, que trabalhava para o CBI (fora o responsável pelo projeto do Edifício Esplanada, feito para o CBI, no Vale do Anhangabaú), viera para a cidade visitando diversas áreas em estudo para a construção do edifício, preferindo então um terreno na rua 13 de Maio esquina com a Alexandrina, pertencente à família Mattos. Havia ainda a idéia de construir-se ao lado do hotel um edifício de

apartamentos que deveria ser vendido em condomínio. Korngold estava incumbido naquele momento do projeto dos dois edifícios.

Apesar disso, foi então lançado um concurso privado entre arquitetos para escolha do anteprojeto do hotel no segundo semestre de 1953. O lançamento de um concurso para um empreendimento privado no interior, aos moldes do que pregava o IAB, era uma idéia inovadora na época. A comissão julgadora do concurso foi constituída por dois arquitetos: Eduardo Kneese de Mello e Francisco J. Kosuta, de um hoteleiro e da Diretoria da Comissão para construção do hotel. As firmas listadas para apresentação de trabalhos foram Lucjan Korngold, Lauro Costa Lima, Dan & Corsi, Joaquim Procópio de Araújo, Hélio Duarte e César José Mario Ribeiro e Fábio Moura Penteado. Os trabalhos foram entregues em 15 de outubro.

Segundo depoimento de Joaquim Procópio de Araújo3, ele próprio teria sido responsável pela organização do concurso no qual oito escritórios convidados entregaram trabalhos. Ainda de acordo com Araújo o seu trabalho teria alcançado o segundo lugar. Não pudemos obter toda a classificação dos trabalhos, no entanto, também o trabalho de Fábio Penteado teria obtido o segundo lugar, como nos informa a publicação de sua obra4.

Fábio Penteado assim apresenta as relações entre sua trajetória e o concurso para o Grande Hotel Municipal:

“Quando faltavam poucos meses para eu me formar, participei meio clandestinamente, em parceria com meu colega Djalma Macedo Soares, de um concurso organizado pelo IAB, Instituto de Arquitetos do Brasil, para um hotel em São Carlos. O Pedro Paulo de Mello Saraiva, que estava no terceiro ano, emprestava o normógrafo do escritório do Miguel Juliano e nos ajudava a desenhar, e – para enorme surpresa – fomos classificados em segundo lugar; o vencedor foi o arquiteto de origem polonesa Lucjan Korngold, que projetou, entre outras obras, o Edifício CBI-Esplanada, no vale do Anhangabaú, na época o mais alto do mundo em estrutura de concreto armado. Isso me fez decidir enfrentar a formatura, porque até então me era realmente apavorante a perspectiva de ter de sair à rua com um diploma na mão e não saber como ser arquiteto”5

No dia do aniversário da cidade daquele mesmo ano, foi lançada a pedra fundamental do Grande Hotel Municipal no terreno da R. Episcopal, esquina com a R. Major José Inácio,

---

[3] Depoimento escrito por Joaquim Procópio de Araújo, antes de sua morte, sem data, não publicado.

[4] PENTEADO, Fábio. **Fábio Penteado**: ensaios de arquitetura. São Paulo: Empresa das Artes, 1998

[5] idem, p.21

apresentando uma exposição dos projetos arquitetônicos do concurso privado, do qual saiu vitorioso o arquiteto Lucjan Korngold.

O Grande Hotel Municipal aberto à visitação pública

Figura 1 - Jornal “A Cidade”, 2 de outubro de 1962

As obras do Hotel foram iniciadas em 18 de março de 1954. A firma construtora escolhida foi o Escritório de Engenharia Joaquim Procópio de Araújo, e a direção dos trabalhos de construção ficou sob a direção do técnico Amadeu Biagioni Filho.

O início das construções foi lento, pois consta que o arquiteto Korngold refez as plantas cerca de cinco vezes para acertar diversos detalhes.

Após cerca de um ano a edificação chegava em seu último pavimento e era naquele momento o prédio mais alto da cidade.

Em 1956 seria aprovada pelo Legislativo Municipal, uma lei que destinava cerca de CR$ 3.000.000,00 da Prefeitura (que já subscrevera uma certa quantidade de ações – CR$ 600.000,00 pela lei de 13/111953) a fim de que as obras fossem finalizadas. Justificava-se a pressa pelo término das obras com a aproximação do aniversário do centenário da cidade. A comissão para a construção conclamava a população para a subscrição de mais ações.

Por volta de 1958 o Executivo e o Legislativo da cidade obtiveram junto à Caixa Econômica Federal um grande empréstimo para o término das obras. De acordo com o depoimento de Joaquim Procópio de Araújo, ele teria recebido o encargo de tratar do crédito solicitado à Caixa Econômica do Estado de São Paulo, em um momento em que este tipo de empréstimo não tinha uma regulamentação clara.

As obras, no entanto, só se encerrariam em 1962, quase 9 anos desde o início do empreendimento.

Um folheto de publicidade das obras do hotel ressaltava as dimensões dos trabalhos realizados que tomavam grandes proporções diante de uma cidade que conhecia então um de seus primeiros edifícios verticalizados. Contava por exemplo que o aço empregado na estrutura de concreto armado do Hotel, se reduzido à bitola única, resultaria em uma barra cujo comprimento percorreria sete vezes a distância de São Carlos a São Paulo, ou ainda, que se os 15000 sacos de cimento empregados na construção pudessem ser empilhados alcançariam uma altura correspondente a sete vezes e meia a Torre Eiffel. Este era o espírito criado em torno daquela obra.

Entre o final de setembro e início de outubro daquele ano o hotel abriu suas portas para o público. Estava então arrendado para a firma “Hotel Ferrareto S.A.”, de Walmor Ferrareto, dona de uma rede de importantes hotéis já instalados em Bauru, Londrina e Maringá.

Os serviços de cozinha e bar também ficaram a cargo de grandes nomes como Filomeno Pereira, ex-chefe de cozinha do Clube Transatlântico de São Paulo e o Sr. Carlos Pereira ex-chefe do restaurante e bar do então famoso Hotel Parque Balneário e Oswaldo Moreira, que já trabalhara em importantes estabelecimentos incluindo o Copacabana Palace do Rio de Janeiro.

É importante ressaltar a mobilização dos mais modernos recursos técnicos daquele momento para a construção do Hotel, desde as caldeiras, o sistema de telefonia, os elevadores, a cozinha industrial ou o sistema de som até o mobiliário desenhado por Jorge Zalszupin, um expoente do design de móveis no Brasil.

Observamos como os agentes estão relacionados. Korngold, Procópio de Araújo, Zalszupin, Mendes Caldeira, Pereira Lopes: nomes envolvidos numa constelação que construiu a verticalização e as feições modernas de alguns edifícios em São Paulo e que se estendeu também para São Carlos.

Logo após a abertura, o Hotel receberia seu primeiro hóspede ilustre, o Prefeito de Milão, Sr. Gino Cassinis, que visitara a cidade e suas fábricas.

Figura 2 - O Grande Hotel Municipal de São Carlos, 1973. Foto: Foto Arte (Alemão)

## Lucjan Korngold, o arquiteto.

Lucjan Korngold[6], arquiteto vencedor do concurso para os anteprojetos do hotel, nasceu em Varsóvia, Polônia, em 1897. Formou-se na Faculdade de Arquitetura do Politécnico da mesma cidade em 1922. Em 1940 emigrou para o Brasil, onde se naturalizou, fugindo da perseguição nazista aos judeus em uma Polônia recém-invadida pelos alemães.

Naquele país realizou alguns projetos, especialmente de residências. Ao chegar ao Brasil, iniciou seus trabalhos no Escritório Técnico Francisco Matarazzo Neto, até 1943. Entre 1944-46 associou-se a Francisco Beck e, a partir de 1946, após abrir o Escritório Técnico Lucjan Korngold Engenharia e Construção, passou a contar com o Engenheiro Joaquim Procópio de Araújo, responsável técnico por seus projetos na Prefeitura de São Paulo, em um período em que o arquiteto, como estrangeiro, ainda não podia assinar seus projetos no Brasil.

A partir de 1951, associou-se a Laércio Ramos em um momento de grande atividade de seu escritório. Korngold foi o responsável pelo projeto de inúmeras obras em São Paulo, participando ativamente do processo de verticalização da cidade. Entre estas obras estão edifícios modernos importantes, em pontos destacados da paisagem paulistana, como o Edifício "CBI" no Vale do Anhangabaú. Este edifício, de 1946, apresentava naquele momento, a maior estrutura em concreto armado do país.

---

[6] Todos os dados sobre a obra de Lucjan Korngold foram retirados de FALBEL, Anat. *Lucjan Korngold*: a trajetória de um arquiteto imigrante. 2003. 323p. Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, 2003.

Outros trabalhos importantes do arquiteto em São Paulo seriam o Banco Ítalo-Brasileiro S/A, projetado com F. Matarazzo Neto, o Edifício Thomaz Edison na Praça Bráulio Gomes, o edifício Alois na Rua Sete de Abril, o edifício Palácio do Comércio, de 1951 - o primeiro edifício com estrutura metálica do Brasil - as Indústrias Fontoura S/A em São Bernardo do Campo e diversas residências.

Dono de um trabalho singular, Korngold é representante do conjunto de arquitetos que imigraram para o Brasil por decorrência da Segunda Guerra Mundial. Sua obra austera foi publicada em diversas revistas nacionais e internacionais da época.

### Joaquim Procópio de Araújo, o engenheiro responsável pela construção.

Joaquim Procópio de Araújo nasceu em São Paulo, em maio de 1919, neto de Bento Carlos de Arruda Botelho, irmão do Conde do Pinhal. Formou-se engenheiro civil pela Escola de Engenharia do Mackenzie em 1944 e teve atuação pioneira em diversas obras de engenharia, especialmente na construção industrial.

O engenheiro trabalhou com diversos arquitetos, entre os quais Lucjan Korngold, já citado, Dácio de Moraes, João Francisco de Andrade, Jorge Zalszupin (responsável pelas obras de decoração e mobiliário do Hotel) e Fábio Canteiro.

Entre seus trabalhos em São Paulo estão a “Abbot Laboratórios do Brasil”, as “Indústrias de Chocolates Lacta S/A”, as “Produtos Químicos CIBA S/A”, a fábrica “Duratex” em Jundiaí e a “Companhia Brasileira de Leite e Café Solúvel - Leitesol” em Itatiba. Joaquim Procópio de Araújo trabalhou também com obras escolares e importantes edifícios como a Biblioteca e o Teatro Infantil Municipal na Vila Buarque, a Escola de aplicação ao ar livre do Ipiranga, o Grupo Escolar Pedro Taques em Guaianases, o Ed. Rubayat na Av. Angélica, o edifício para o Banco da Lavoura de Minas Gerais e o Ed. da Caixa de Aposentadoria e Pecúlios do Sindicato dos Despachantes Aduaneiros de Santos.

Pelas suas origens, o engenheiro sempre teve uma relação de afeto com a cidade de São Carlos e com os edifícios que nela construiu. Conforme ele próprio relata, costumava passar as férias escolares na fazenda Santa Maria, de propriedade de sua avó. Não tendo sido herdeiro da avó, adquiriu a fazenda para garantir a preservação das feições da família e do lugar, com suas casas de pedra e taipa.

Em São Carlos desenvolveu obras importantes para a cidade contribuindo com estruturas de avanço técnico e no processo de verticalização da mesma. Além do Grande Hotel Municipal construiu o edifício do antigo Banco de São Paulo S/A (ed. Conde do Pinhal) e o edifício São Carlos, marcando a paisagem são-carlense com seus primeiros prédios altos. É interessante observar que em seu depoimento, escrito posteriormente à conclusão dos edifícios, afirmava não saber ainda ao certo dos benefícios desta verticalização. Realizou

ainda o Jóquei Clube, a Socilaves e as instalações da Cooperativa de Laticínios de São Carlos - onde se utilizou pela primeira vez, de forma comercial, um sistema inovador de cobertura com elementos pré-moldados de argamassa armada que alcançavam grandes vãos, e desenvolvida por professores da Escola de Engenharia de São Carlos liderados pelo Eng. Dante Martinelli.

Joaquim Procópio de Araújo foi responsável com sua firma pela direção dos trabalhos necessários aos projetos e à execução das obras do hotel. Segundo depoimento do próprio engenheiro ele teria sido ainda responsável pela organização do concurso para os anteprojetos do hotel por incumbência da Diretoria da Comissão para a Construção Grande Hotel Municipal S/A.

Vale lembrar que no cálculo da estrutura de concreto armado do hotel destaca-se o nome de Lauro Modesto do Santos. Nascido em Uberaba, Minas Gerais (1929), formou-se engenheiro civil pela Escola Politécnica da USP em 1953. Em 1962, ano da inauguração do hotel, obteve o título de doutor na Escola de Engenharia de São Carlos, onde lecionou durante 18 anos. Foi professor na Politécnica de São Paulo até 1990, quando se aposentou.

## Interiores – Projeto de Jorge Zalszupin

Os projetos dos móveis, luminárias e toda a arquitetura de interiores do hotel ficaram a cargo da firma L'Atelier de Jorge Zalszupin, arquiteto polonês que chegou ao Brasil em 1950. Zalszupin iniciou sua carreira brasileira no escritório do seu conterrâneo Lucjan Korngold, dedicando-se posteriormente ao desenho industrial[7].

A L'Atelier começou em 1955 através da associação entre o arquiteto e três marceneiros[8]. Era uma firma de construção de móveis e objetos de design com lojas para venda dos produtos, sendo uma das primeiras empresas a comercializar móveis de plástico, especializando-se em seguida em móveis para escritórios.[9]

## O projeto de Lucjan Korngold

O partido original de Lucjan Korngold para o edifício do Grande Hotel Municipal apresentava uma interessante implantação e aproveitamento do acentuado desnível do terreno. Um volume elevado do solo por pilares cilíndricos e envidraçado podia ser parcialmente atravessado pela visão, revelando ao longe, por sobre o casario vizinho, a continuidade da linha do horizonte urbano e rural.

---

[7] FALBEL, Anat. **Lucjan Korngold**: a trajetória de um arquiteto imigrante. 2003. 323p. Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, 2003.

[8] SANTOS, Maria Cecília Loschiavo. **Móvel Moderno no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, FAPESP, EDUSP, 1995.

[9] Idem.

Com esse projeto mais leve e transparente do que o CBI de São Paulo (1946) Korngold demonstrava um claro domínio dos postulados da Arquitetura Moderna Brasileira. As empenas menores do volume elevado eram opacas e as fachadas principais (leste e oeste) eram moduladas com planos retangulares revestidos por pastilha cerâmica amarela, seccionados por um plano recuado onde se situavam as janelas do tipo “ideal” pintadas de verde. Exceto pelo cromatismo, essa construção formal já era recorrente a vários arquitetos do período (em São Paulo destacamos a obra de Abelardo de Souza), o que demonstra que esta obra cumpria um importante papel de difusão do moderno e não de inovação de novos partidos.

Algumas particularidades podem ser identificadas na inserção urbana do projeto em um lote de esquina de dimensões acanhadas para o partido proposto. As entradas principais voltavam-se para a R. Episcopal, marcados por uma pequena escadaria de acesso ao restaurante (na zona com pé-direito maior na esquina) e por uma discreta marquise de formas dinâmicas, que se contrapunha à modulação da fachada do edifício e destacava a entrada do saguão do hotel.  Aproveitando o desnível entre as duas ruas que compunham a esquina, o arquiteto reservou um conjunto de lojas sob o restaurante no térreo principal, as quais se abriam diretamente para a R. Major José Inácio.

Figura 3 - Perspectiva do projeto de Lucjan Korngold -
fonte: Revista de Arquitetura e Construções s/data

A transparência do térreo principal era reforçada pelo aumento do pé-direito nas proximidades da esquina com a R. Major José Inácio, graças a um pequeno desnível (1m) no térreo. Com a manutenção da cota do teto, criava-se um interessante mezanino para a área com pé-direito maior, oferecendo à entrada principal e recepção uma vista desobstruída da paisagem exterior.

O projeto de Korngold procurava organizar em seus pavimentos diversos ambientes que melhor atendessem a formulação de um hotel completo e moderno. Assim no subsolo estavam os reservatórios de água, as caldeiras automáticas, a cabine de alta tensão, lavanderia, vestiários, garagem e lojas. No térreo, o hall de entrada, a portaria, escritório, salão de estar, bar, cozinha e salão do restaurante. Do primeiro ao quinto pavimento havia apartamentos com guarda-roupas e banheiros, e no primeiro andar existia ainda um Salão de Chá. Por fim, no ático estavam a casa de máquinas, reservatório de água e oficina.

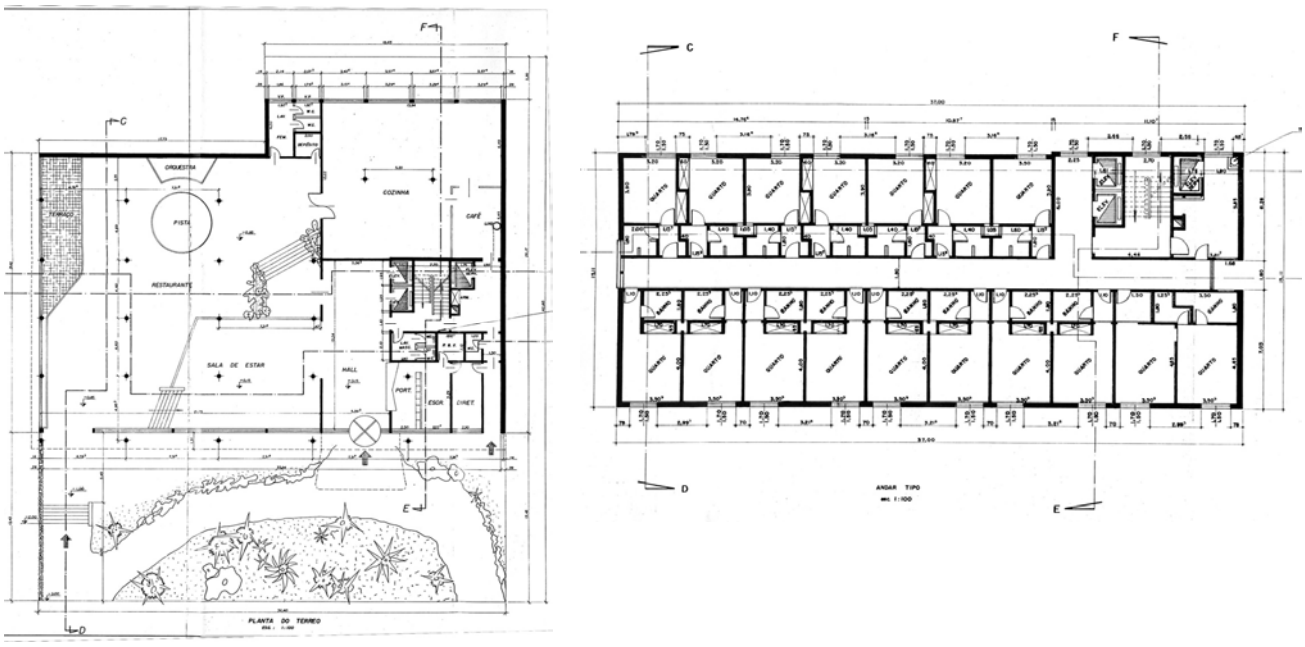



Figura 4 - Plantas do térreo e do andar tipo do Grande Hotel - Arquivo de José Olavo de Azevedo

A concepção estrutural do edifício ressaltava o destaque do volume dos andares com apartamentos em relação à declividade original do terreno. No sentido longitudinal, os vãos entre pilares correspondiam a dois módulos de apartamentos, enquanto que no sentido transversal, as três faixas de sanitários e corredor eram sustentadas por apenas dois eixos de pilares. Apesar da localização dos sanitários no interior do volume, nenhuma prumada de instalação atravessava o térreo. No forro do saguão do hotel, uma iluminação com sancas foi moldada na própria estrutura da laje de concreto.

Figura 5 – Pilares cilíndricos e sancas moldadas na estrutura de concreto. Fonte: Revista de Arquitetura e Construções s/data

Era de se esperar que a clareza da estrutura e das instalações no térreo também organizasse o conjunto do edifício. O levantamento do projeto estrutural durante a pesquisa revelou outra situação. Foi utilizada uma malha de vigas de transição altas e largas na cobertura do térreo. Além, de permitir a subdivisão do vão entre pilares no sentido longitudinal, esse dispositivo, usual na época, permitiu uma maior flexibilidade na alocação dos pilares de sustentação das vigas centrais. No entanto, os projetistas optaram pela diluição desses pilares nas paredes dos sanitários, evitando assim grandes volumes estruturais obstruindo as plantas dos apartamentos.

Essa opção vinculou a estrutura à planta das paredes dos sanitários. Estas, por sua vez, foram projetadas visando o maior aproveitamento da área, explorando a possibilidade de

encaixar armários e dutos de ventilação vertical e prumadas de instalações. O resultado é o total desencontro dos pilares entre si e entre a modulação principal da estrutura que ordena visualmente o edifício. A planta livre do térreo encontrou outra racionalidade nos andares tipo, fixando para sempre a forma da disposição das paredes nos seus pilares de concreto. Sem dúvida um desafio para a sua conversão para novos usos.

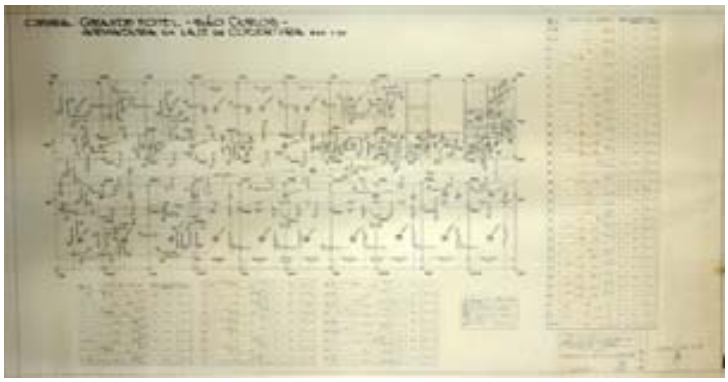


Figura 6 - Planta Estrutural do andar tipo - Escritório Técnico Joaquim Procópio de Araújo/ Arquivo Antoine Azouri

## As transformações do Grande Hotel

Ao longo dos anos o Grande Hotel sofreu várias modificações. Por volta de 1970 o hotel passa a ser administrado pelo grupo Vila Rica, que realiza um conjunto de intervenções projetadas pelo arquiteto Luiz Gastão de Castro Lima visando incluir no programa requisitos que eram exigidos de hotéis desse padrão. Para a implantação de uma piscina, o hotel perdeu sua relação com a R. Episcopal, pois a escada de acesso direto ao restaurante foi confinada por um muro que delimitava a área de lazer. Uma varanda de estrutura metálica, com alguns componentes de madeira, estabeleceu uma nova mediação entre o saguão e a fachada principal agora ocupada parcialmente pela piscina.

No final da década de 1980 o hotel é adquirido pelo Sr. Antoine Azouri, que por sua vez realiza novas reformas, agora mais incisivas, tanto no que se refere à infra-estrutura quanto à aparência do edifício. Pérgulas com vigas de madeira, cobertas por trepadeiras, vieram quebrar o sol matinal nos vidros do saguão. Um novo sistema de forros de gesso e iluminação cobriram as sancas originais do saguão. A marquise desaparecia sob uma estrutura de placas lisas de cimento amianto recobertas por placas de pedra nobre. Devido ao mal estado de conservação, foram substituídas as janelas ideais de madeira por janelas de alumínio de correr. Nos peitoris construídos, caixas de concreto abrigavam aparelhos de ar-condicionado. Um bar com paredes e vidros jateados quebrava a continuidade espacial entre a recepção e o saguão principal, impedindo a visão do que ainda restava de horizonte para ser visto entre os prédios vizinhos.

Ainda que recuperasse as condições de funcionamento do hotel e conferisse uma sobrevida ao edifício, o conjunto destas últimas intervenções alterava o seu caráter formal. O prédio moderno passava a conviver com uma decoração pós-moderna.

Figura 7 - As alterações efetuadas no Hotel com a reforma dos anos 90 - fotos: Lucas Lorenzi Corato, 2005

## O novo Paço Municipal

O projeto de adaptação do Grande Hotel em Paço Municipal, realizado pelo escritório Piratininga Arquitetos Associados, partiu de dois objetivos: conferir ao prédio do hotel uma dimensão pública adequada a uma sede de governo e combinar as transformações necessárias ao funcionamento do novo uso com a recuperação de algumas das características originais do edifício perdidas nas sucessivas reformas. As intervenções podem ser agrupadas em dois grandes conjuntos:

O primeiro envolve as transformações da relação do edifício com as duas ruas, abrindo-o a um acesso mais fácil, inerente ao uso público.

O segundo visa transformar as plantas internas para que seja possível implantar as atividades do Paço Municipal.

O primeiro conjunto envolve intervenções nos dois andares inferiores. O subsolo de serviços perdeu a infra-estrutura de uso hoteleiro – vestiários, caldeira, lavanderia – sendo aberto ara

o acesso pela R. Major José Inácio para permitir o atendimento direto ao público. O térreo principal recupera a integração espacial entre os dois níveis da recepção e do saguão. A cozinha situada nos fundos recebe um auditório para 166 pessoas, tendo para isso de ter sua estrutura alterada com a eliminação de pilares que possam atrapalhar a visão do palco. Com essa disposição do auditório, liberou-se todo o saguão com pé-direito de 4,00 m para a realização de eventos públicos, visíveis da recepção situada em mezanino. Nesse ponto as alterações foram relacionadas ao controle do acesso à torre de circulação vertical, que recebeu novos elevadores e prumadas de instalações.

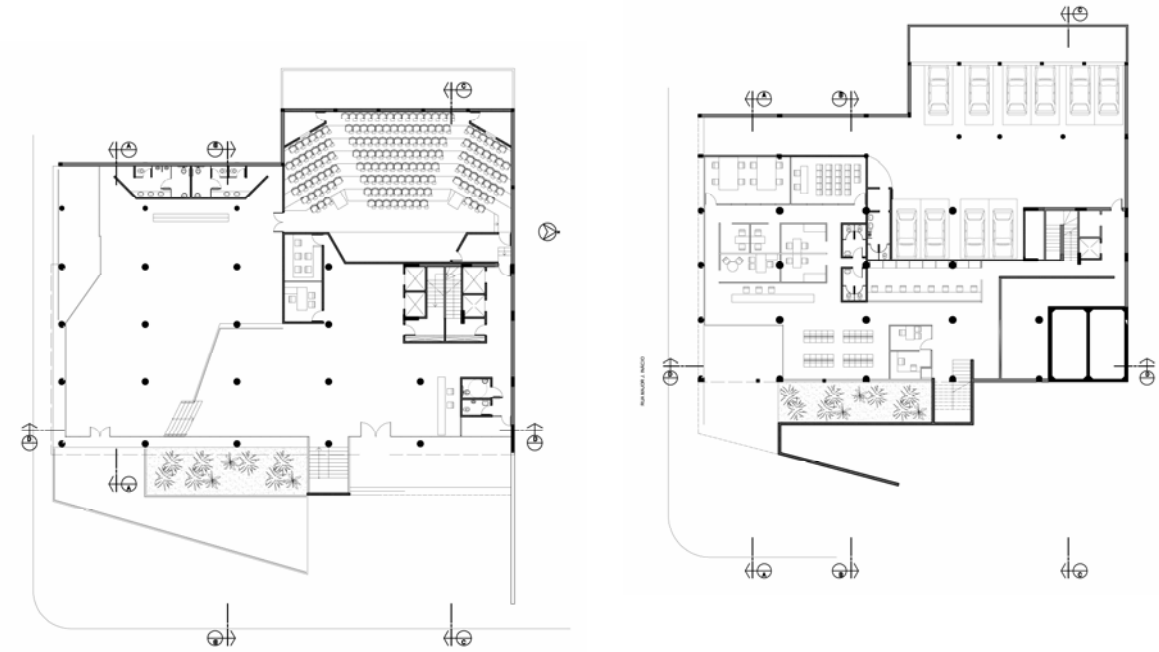
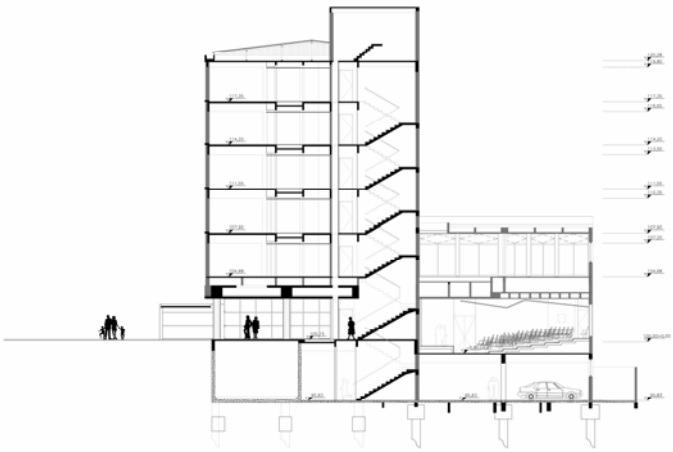


Figura 8 – Projeto de adaptação proposto pelo escritório Piratininga Arquitetos Associados para o Paço Municipal de São Carlos - Direita: Planta Térreo Rua Episcopal, nível 100,15 (acesso, recepção, sala de segurança, sanitário, foyer, varanda, bar, departamento de eventos oficiais e assuntos extraordinários, imprensa, palco, antesala, auditório (166 lugares), cabine técnica, cabine de tradução, salão) / Esquerda: Planta Térreo Rua Major José Inácio, nível 96,04 (acesso, recepção, saguão de espera, sala do pab, sanitário, protocolo, div. gestão de pessoas, seção de segurança e medicina no trabalho, sala de atendimento, sala de recrutamento e seleção, sala de treinamento, copa, estacionamento, área restrita) / Abaixo: Corte Transversal CC

O recuo do edifício para a R. Episcopal foi substancialmente modificado para permitir os



novos acessos. Além da eliminação da piscina e do muro frontal, foi construída uma passarela elevada que permite acesso em nível para o saguão de eventos. Junto à portaria da recepção foi instalada uma escada de acesso ao nível inferior, formando um volume opaco para a rua que exigiu a revisão da forma da marquise original. O fosso inglês de iluminação do subsolo foi aberto e transformado em um jardim de modo a conferir maior dignidade àquele andar, agora configurado como térreo inferior ou térreo da R. Major José Inácio. A nova passarela de acesso ao saguão de eventos resultou em uma marquise de proteção para o acesso ao térreo inferior. Sem o muro, esse novo conjunto permite o avanço do piso da calçada até a edificação, constituindo uma extensão do espaço da rua e conferindo um grande destaque urbano ao Paço Municipal.

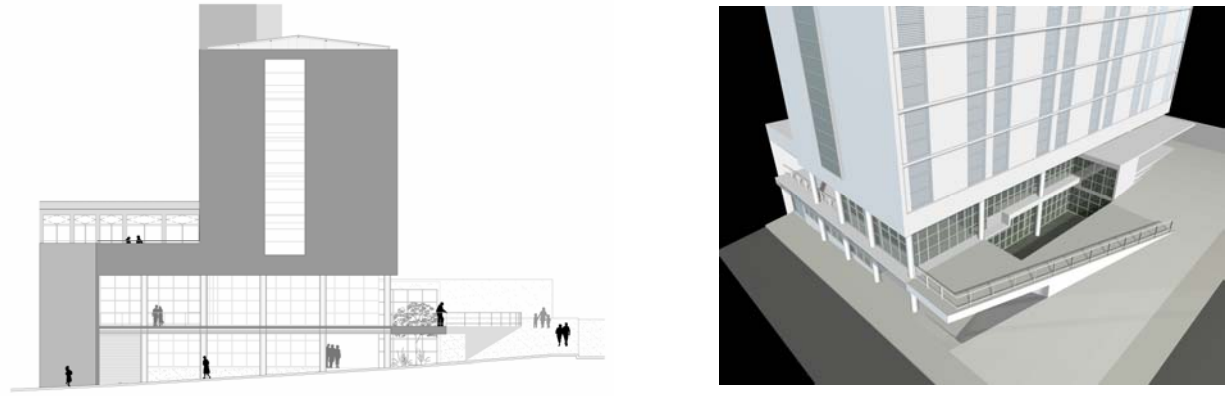
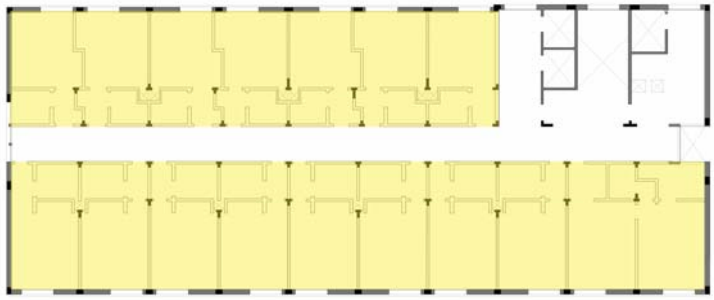


Figura 9 - Projeto de adaptação proposto pelo escritório Piratininga Arquitetos Associados para o Paço Municipal de São Carlos - Elevação Rua Major José Inácio e maquete eletrônica apresentando os desníveis e acessos na esquina

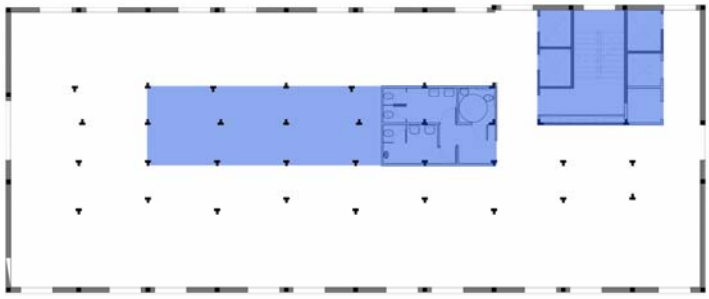
Na fachada desses dois pavimentos para a R. Major José Inácio as alterações foram decorrentes da eliminação das antigas lojas comerciais junto à calçada. Com isso pôde ser recuperada a continuidade da forma cilíndrica original dos pilares e recuada a vedação de caixilho no nível inferior. Na face do saguão o recuo do caixilho implantou uma varanda prevista no projeto original e jamais construída. A continuidade dos pilares e o recuo da vedação resgataram para essa face a verticalidade do projeto original, que havia sido perdida já na construção.

As intervenções no pavimento tipo foram enormemente dificultadas pela concepção estrutural dos pilares internos. Como já foi apresentado anteriormente, a disposição dos pilares segue as paredes dos banheiros, os quais apresentam alguns desalinhamentos para melhor abrigar armários e dutos de ventilação. Assim, a transformação do andar tipo em salões de escritório panorâmico acabou por revelar um conjunto de pilares desalinhados e diferentes entre si.

DEMOLIÇÃO



PROPOSTA



OCUPAÇÃO

Figura 10 - Projeto de adaptação proposto pelo escritório Piratininga Arquitetos Associados para o Paço Municipal de São Carlos - Proposta de ocupação do andar tipo

As faixas estruturais centrais do andar tipo organizadas originalmente em corredor central ladeado por duas linhas de sanitários foi alterada para um conjunto de módulos de serviços ocupando duas faixas contíguas com uma área de circulação na terceira faixa servindo ao salão de escritórios. Armários e estantes incorporam alguns dos pilares, reduzindo a exposição das diferenças para apenas alguns casos. Cabe destacar que a nova disposição da planta aumentou em 42% as áreas ocupáveis do edifício.

As fachadas do volume superior com os andares tipo também sofreram intervenções. Ainda que fosse inadequada a recuperação das janelas originais de madeira do tipo “ideal”, por serem mais apropriadas para os dormitórios do que para escritórios, foi possível abrir o vão com a demolição dos peitoris e a remoção dos caixilhos de alumínio e das caixas de ar-condicionado. No vão resultante os novos caixilhos foram protegidos por quebra-sóis metálicos, montados com chapa expandida. Recuperou-se assim a modulação que ordena a fachada em planos retangulares de pastilhas cerâmicas amarelas, comprometida pela reforma de 1990.

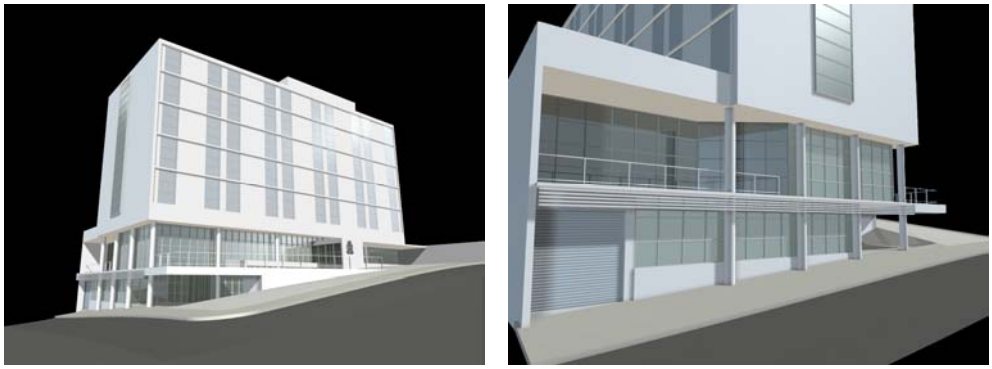


Figura 11 - Projeto de adaptação proposto pelo escritório Piratininga Arquitetos Associados para o Paço Municipal de São Carlos - Maquete eletrônica

## Conclusão

O projeto de transformação do Grande Hotel de São Carlos em Paço Municipal coloca para o Do.Co.Mo.Mo. Brasil algumas questões relevantes sobre as especificidades das intervenções em edifícios modernos.

São cada vez mais freqüentes os casos de conversão de uso e atualização de edifícios modernos no Brasil. Até mesmo obras construídas nas décadas de 1960 e 70 já apresentam mudanças de uso. O envelhecimento de certos aspectos da sua construção, realizados sem que as técnicas estivessem consolidadas, exige muitas vezes mudanças radicais que podem vir a comprometer a integridade conceitual da obra. Em São Paulo temos nos últimos anos uma série de intervenções em residências modernas – destacando-se algumas de Paulo Mendes da Rocha, Vilanova Artigas, Lina Bo Bardi – em edifícios escolares do Fundo Estadual de Construção Escolar e do Convênio Escolar, em diversos edifícios de apartamentos, de escritórios, etc.. Entretanto, essas intervenções vêm sendo realizadas por arquitetos que procuram acentuar a continuidade da arquitetura moderna no presente e não o seu encerramento. Também em seus novos projetos, escritórios como MMBB, Piratininga, Álvaro Puntoni e Ângelo Buci, e vários outros vêm manifestando uma produção que escreve um novo capítulo da arquitetura moderna no Brasil. Essa sintonia conceitual entre os arquitetos que realizam a intervenção no edifício moderno com os seus postulados originais

resulta em uma continuidade inusitada, ao menos no cenário da arquitetura brasileira. Resulta em intervenções mais ousadas do que muitas vezes aceito para edifícios de relevância histórica.

O caso de São Carlos explicita a necessidade de uma reflexão específica nos critérios de restauro, preservação ou mesmo proteção de edifícios modernos considerados patrimônio histórico. O edifício não é entendido como pertencente a um período superado, mas sim como arquitetura ainda viva, que permite e exige ações incisivas para sua adaptação aos novos usos, buscando através das alterações a sua própria preservação. Conceitos inerentes a certos projetos modernos favorecem a flexibilidade de uso. Também a inexistência da valorização da manufatura retira a aura de unicidade da produção material da obra, inerente a edifícios de outros períodos, abrindo a possibilidade de novas construções, com técnicas sempre atualizadas. Enfim, o edifício moderno de projeto racionalista como este hotel de São Carlos tem todas as condições para prolongar sua vida além do encerramento do seu uso original. Cabe a nós a discussão dos limites da preservação em casos como este, aprofundando critérios que sirvam de referência para casos semelhantes.

Referências Bibliográficas:


FALBEL, Anat. **Lucjan Korngold**: a trajetória de um arquiteto imigrante. 2003. 323p. Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, 2003.

SANTOS, Maria Cecília Loschiavo. **Móvel Moderno no Brasil**, São Paulo: Studio Nobel, FAPESP, EDUSP, 1995.

PENTEADO, Fábio. **Fábio Penteado**: ensaios de arquitetura. São Paulo: Empresa das Artes, 1998

Depoimento escrito por Joaquim Procópio de Araújo, antes de sua morte, sem data, não publicado.

Periódicos locais: CORREIO DE SÃO CARLOS, 1953-1956; A CIDADE, 1954-1958, 1962

Processos da Prefeitura Municipal de São Carlos nº 4567; 2916; 5586; 8021

Entrevistas com Sr. José Olavo de Azevedo e Antoine Azouri.